

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Antropologia e Arqueologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**Das fotos aos afetos: contribuições para etnografia de uma família cigana  
na cidade de Tupaciguara-MG**

**Nayara Cristina Cardoso**

Pelotas, 2018

**Nayara Cristina Cardoso**

**Das fotos aos afetos: contribuições para etnografia de uma família cigana  
na cidade de Tupaciguara-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Turra Magni

Pelotas, 2018

C268d Cardoso, Nayara Cristina

Das fotos aos afetos : contribuições para etnografia de uma família cigana na cidade de Tupaciguara-MG / Nayara Cristina Cardoso ; Claudia Turra Magni, orientadora. — Pelotas, 2018.

57 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia - Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Ciganos. 2. Fotografias. 3. Retratos de família. 4. Afetos. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Título.

CDD : 305.8

Nayara Cristina Cardoso

Das fotos aos afetos: contribuições para etnografia de uma família cigana na  
cidade de Tupaciguara-MG

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas,  
Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 03/08/2018

Banca examinadora:

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Turra Magni (Orientadora)  
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en  
Sciences Sociales

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia dos Santos Pinheiro (Examinadora)  
Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lori Altmann (Examinadora)  
Doutora em Teologia pela Faculdades EST

**Dedico este trabalho às mulheres maravilhosas que me deram força em toda trajetória antropológica. Em especial, à Dona Nelci.**

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos iniciais se direcionam às mulheres incríveis que Deus colocou no meu caminho desde que iniciei minha jornada na Antropologia.

Primeiro agradeço infinitamente a Prof.<sup>a</sup> Claudia Turra por se dispor a me orientar nesta pesquisa, por acreditar em mim, me encorajar e me incentivar nos muitos momentos de crise que atravessei durante o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também pela sua generosidade e disponibilidade em compartilhar comigo tanto conhecimento.

À Dona Nelci que tão gentilmente me aceitou em seu mundo e se disponibilizou a compartilhar seus relatos e vivências comigo.

Às preciosas amigas que Pelotas me trouxe: Malvina, Pauline e Nicole, que me acolheram e me fizeram imensamente feliz no período que vivi nesta cidade. Carrego-as para sempre em meu coração.

Ao meu namorado Pedro, que participou e discutiu muitas vezes questões referentes à pesquisa comigo, além de me incentivar incansavelmente com suas palavras gentis.

E aos meus pais e minha irmã, que me apoiaram quando decidi deixar tudo para trás e morar a mais de 2000 km de distância para estudar Antropologia e me nutrindo de amor mesmo de longe.

## Resumo

CARDOSO, Nayara Cristina. **Das fotos aos afetos: contribuições para etnografia de uma família cigana na cidade de Tupaciguara-MG**. 2018. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho expõe uma trajetória de pesquisa em Antropologia junto a uma família cigana, na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais. Trajetória esta, delineada pelo uso da fotografia enquanto recurso metodológico na pesquisa etnográfica. Neste sentido, o trabalho procura demonstrar a importância da fotografia na relação de pesquisa com esta família cigana, onde o uso deste recurso permitiu o estreitamento dos laços entre pesquisadora e pesquisados/as, desenvolvendo relações de confiança e afeto, além de realçar aspectos importantes de sua socialidade. Os registros fotográficos produzidos durante a pesquisa junto aos/as interlocutores/as demonstraram a relevância dos laços de parentesco e sua manutenção para os modos de existir desses ciganos. O universo cigano acessado por meio dessa relação com o outro tenta se tornar visível no texto através de uma narrativa que concilia os registros verbais feitos no diário de campo, com os registros visuais produzidos junto aos/as interlocutores/as durante a pesquisa.

**Palavras-chave:** ciganos; fotografias; retratos de família; afetos

## **Abstract**

CARDOSO, Nayara Cristina. **From photos to affections: contributions to ethnography of a gypsy family in the city of Tupaciguara-MG**. 2018. 57f. Completion work – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

The present work exposes a trajectory of research in Anthropology with a gypsy family, in the city of Tupaciguara, Minas Gerais. This trajectory is delineated by the use of photography as a methodological resource in ethnographic research. In this sense, the work seeks to demonstrate the importance of photography in the research relationship with this gypsy family, where the use of this resource allowed the closer ties between researchers and researched, developing relationships of trust and affection, and highlighting important aspects of their sociality. The photographic records produced during the research with the speakers showed the relevance of the kinship ties and their maintenance to the ways of existing of these gypsies. The gypsy universe accessed through this relationship with the other tries to become visible in the text through a narrative that reconciles the verbal records made in the field diary with the visual records produced with the interlocutors during the research.

**Key-words:** gypsies; photographs; family portraits; affections

## Lista de figuras:

Figura 1: Dona Nelci no primeiro registro fotográfico que fiz dela – Agosto de 2015 .....	17
Figura 2: Acampamento da família de Dona Nelci .....	24
Figura 3: Barraca de Dona Nelci e Sandoval .....	24
Figura 4: Entorno da barraca de Dona Nelci .....	24
Figura 5: O cão Palito, o papagaio e os fogareiros no interior da barraca .....	24
Figura 6: Dona Nelci, Seu Osvaldo e Palito posando para as fotos .....	29
Figura 7: Seu Osvaldo observando o fim da tarde .....	29
Figura 8: Sandoval, Juliana, Sônia, Dona Nelci e seu Osvaldo posando para os primeiros retratos de família .....	35
Figura 9: Mais alguns dos primeiros retratos de família .....	35
Figura 10: Registros feitos quando o irmão de Dona Nelci, que vive em Monte Carmelo, lhe visitou com a família.....	35
Figura 11: Registros com o irmão de Dona Nelci .....	35
Figura 12: Gabriel quando era bebê, aos 2 e aos 6 meses de vida .....	38
Figura 13: Gabriel começando a andar, com 1 ano de idade e aos 2, posando como um rapaz.....	38
Figura 14: Juliana com Gabriel no colo, Sandoval e Índio, sentados em volta da mesa que destaca os santos homenageados pelo terço .....	42
Figura 15: Momento do batismo de Gabriel, registrado por Sandoval .....	42
Figura 16: Prancha 1 .....	51
Figura 17: Prancha 2.....	52
Figura 18: Prancha 3.....	53

## Sumário

Introdução .....	11
1. Os caminhos da pesquisa.....	14
1.1. O despertar do tema cigano .....	14
1.2. Uma família cigana: a imersão no universo de pesquisa .....	15
1.3. O acampamento de Dona Nelci .....	18
1.4. Ciganos não são iguais .....	19
2. Retratos ciganos.....	25
2.1. Os primeiros registros fotográficos.....	25
2.2. Contribuindo para o álbum de família.....	30
2.3. A importância dos descendentes .....	36
2.4. O agenciamento das fotos para a construção de uma relação de compadrio.....	38
2.5. Aprendendo a lidar com os papéis de pesquisadora e comadre.....	43
3. Aprendendo a aprender .....	46
3.1. Um caminho teórico-metodológico possível .....	46
4. Um exercício de etnografia visual a partir de pranchas temáticas.....	50
Considerações finais .....	54
Referências bibliográficas .....	55

## Introdução

À volta das comunidades ciganas foram criados muitos estereótipos: barulhentos, agressivos, exploradores, entre outros. Segundo a historiadora Nicole Martinez (1989), o imaginário social lhes confere características que, em sua maioria, são fruto do desconhecimento de sua cultura, sendo atribuídos a eles até mesmo poderes e conhecimentos extraordinários ou exóticos. São tratados pelos não ciganos, em grande parte, a partir de uma noção genérica de ciganos, que os reduz a estereótipos depreciativos.

Os ciganos possuem uma origem controversa e uma história marcada por preconceito, perseguições e discriminação. O Guia de Políticas Públicas para Povos Ciganos, elaborado em 2013 pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, traz que a origem dos povos ditos “ciganos” ainda hoje é objeto de estudo. A teoria de sua gênese mais aceita atualmente é de que se originaram na Índia e há cerca de mil anos, iniciaram sua dispersão pelo mundo. No Brasil, o primeiro registro oficial da chegada de ciganos consta de 1574, quando o cigano João Torres e sua família foram degredados de Portugal para cá.

Segundo Rodrigo Teixeira (2008), os povos que denominamos “ciganos” são um conjunto de comunidades espalhadas pelas mais diversas regiões do Brasil, cujas origens são incertas e suas línguas e costumes variam entre os muitos grupos em que se dividem. Em Minas Gerais, a presença de ciganos foi registrada por primeiro em 1718, quando ciganos deportados de Portugal para a Bahia chegaram ao estado.

Mesmo tendo suas vidas marcadas por preconceito, exclusão e desigualdades ao longo da sua história de dispersão pelo mundo, os ciganos procuram preservar sua cultura e seus modos de existir.

A produção de conhecimento científico acerca dos ciganos no Brasil é incipiente, mas vem tomando forma, timidamente, nos últimos anos. Este fato, somado ao interesse que nutro desde criança em conhecer e compreender os povos ciganos, me levaram a eleger este como tema de minha pesquisa em antropologia.

Dessa forma, desenvolvo minha pesquisa junto à uma família cigana, na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais – minha terra natal – desde agosto de

2015. Pesquisa esta, que tem dois desdobramentos simultâneos e complementares: o trabalho de conclusão de curso que aqui segue e uma dissertação de mestrado, que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Ciente do risco de autoplágio, não tratarei aqui de assuntos que revelaram-se cruciais para a pesquisa, mas cujo aprofundamento, reservo para tratar na dissertação.

Neste trabalho de conclusão de curso busco tratar de um recorte temático específico evidenciado em meu trabalho de campo, vinculado à questão teórico-metodológica, relativo à importância da fotografia na relação de pesquisa com uma família cigana.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais, junto ao acampamento da família de D. Nelci, matriarca de 64 anos, com quem mantive contato de agosto de 2015 até os dias atuais, tendo estabelecido vínculo de compadrio através de seu neto, que conheci desde o nascimento e hoje atinge seus 2 anos de idade. Através do método etnográfico, recorri às técnicas de observação participante (Malinowski, 1978) (Foote-Whyte, 1980), de conversas com temáticas livres, servindo-me do registro verbal em diário de campo e registro fotográfico durante o trabalho de campo.

Entretanto, para além de mera documentação, o ato de fotografar, contribuindo para o álbum de família e acervo particular já existentes e super valorizado pelo grupo, trouxe desdobramentos inesperados para as relações de pesquisa, para a análise do material empírico e para a construção desta etnografia. É sobre isso que pretendo aqui refletir, tomando como fundamentos teóricos as contribuições de alguns autores, como Samain (1995, 2004), Mead e Bateson (1942), Collier (1973), Novaes (2014).

O trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro, proponho ao leitor um mergulho progressivo em meu universo de estudo, através de descrição textual e imagética do acampamento em que habita a família em questão; no segundo capítulo discorro sobre a importância da fotografia como forma de aproximação e construção das minhas relações com Dona Nelci e sua rede de parentesco, apresentando também as fotos de família que fui convidada a produzir; no terceiro capítulo, demonstro o arcabouço teórico que sustenta a perspectiva antropológica que me orientou na produção do trabalho;

e no quarto capítulo, apresento uma experiência visual etnográfica a partir de pranchas fotográficas, evidenciando alguns temas que destaco ao longo do trabalho.

## **1. Os caminhos da pesquisa**

### **1.1. O despertar do tema cigano**

A presença de ciganos na pequena cidade de Tupaciguara<sup>1</sup>, Minas Gerais, onde cresci, é frequente. Quando criança me surpreendia toda vez que passava perto de um terreno, normalmente vazio, e notava a presença de um acampamento cigano. Aquele lugar que me passava despercebido durante os outros dias se tornava o centro dos meus olhares. Barracas, carros, panelas brilhantes, roupas a secar e algumas vezes, lindos tachos de metal à mostra, enchiam meus olhos. Eu ficava curiosa por saber quem eram as pessoas e como elas vivam ali.

Na adolescência, frequentei uma academia que recebeu, durante alguns meses, ciganos que estavam instalados em um acampamento localizado próxima a ela. Homens e mulheres jovens desse acampamento iam até lá para praticarem musculação. Todos/as com muitas joias e dentes dourados. As moças com seus longos vestidos e os rapazes com bermudas e regatas treinavam sem se constrangerem com os olhares curiosos direcionados a eles/as. Eu ficava observando discretamente e tentava saber uma coisa ou outra sobre eles/as através da instrutora, durante o curto período em que frequentaram o estabelecimento. No entanto, pouco ou quase nada se sabia sobre eles/as.

Eu me questionava como pessoas presentes na dinâmica da cidade eram tão desconhecidas e por vezes até ignoradas. Muitos estereótipos negativos lhes eram atribuídos e as pessoas a minha volta se contentavam em reproduzi-los, ainda que nunca tivessem tido qualquer contato próximo com alguém da etnia. Diziam que ciganos eram trapaceiros, barulhentos, agressivos, enganadores, entre outros qualitativos.

Ao iniciar minha formação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas, considerei que uma pesquisa com abordagem antropológica poderia abordar o tema de forma satisfatória, pois entendo que esta preza pela

---

<sup>1</sup> A cidade de Tupaciguara localiza-se no Triângulo Mineiro, próximo ao município de Uberlândia, e possui pouco mais de 25 mil habitantes.

compreensão dos modos de existir dos outros, por meio da partilha de relatos e vivências.

Fui advertida por professores e colegas sobre as dificuldades de acessar as pessoas ciganas, já que não tinha contato com nenhuma delas. Alguns trabalhos etnográficos descreviam o quanto contato inicial era uma parte delicada da pesquisa. Gláucia Peripolli (2013) relatou em sua pesquisa desenvolvida junto a mulheres ciganas da cidade de Pelotas, suas dificuldades ao tentar se inserir em campo. Recebeu muitos não até encontrar uma família que a recebesse enquanto pesquisadora. Sua inserção junto à família referente à pesquisa foi facilitada pela sua semelhança física com uma das filhas da matriarca, que residia longe e cuja falta era bastante sentida.

## **1.2. Uma família cigana: a imersão no universo de pesquisa**

Fui aceita por uma família cigana da cidade de Tupaciguara-MG a partir da indicação de uma tia que é comerciante e que recebe algumas mulheres ciganas em seu estabelecimento. Em um dos rotineiros almoços de domingo na casa de meu avô, ouvi Tia Edina comentar sobre algumas mulheres ciganas que iam até seu açougue pedir-lhe uma porção de carne. Ao ouvir seu relato, vi uma oportunidade para me aproximar dessas pessoas.

Pedi à minha tia que perguntasse a elas se poderiam me receber a fim de me ajudarem a realizar minha pesquisa de conclusão de curso. Comerciante na cidade há muitos anos, minha tia é muito querida por seus clientes, sendo considerada uma pessoa muito generosa, educada e simpática. Um pedido dela, certamente seria atendido. Fiquei ansiosa para que ela falasse com as senhoras ciganas e que alguma se interessasse em conversar comigo.

Alguns dias depois, minha tia me ligou de manhã dizendo que havia conversado sobre mim com uma das senhoras ciganas, lhe dado meu endereço e que ela estava indo para minha casa – que ficava bem próxima ao seu estabelecimento. Pediu para que eu oferecesse a ela algum gênero alimentício como forma de agradecer à atenção dada a mim. Minha tia a ajudava toda vez que comparecia ao seu açougue e pediu que eu fizesse o mesmo.

Alguns minutos depois o interfone tocou, era ela. Olhos amendoados, pele marcada pelo sol e pelo tempo, cabelos compridos e grisalhos, presos com um grampo em forma de coque. Saia vermelha na altura dos joelhos, camiseta amarela e blusa de frio azul, todas muito gastas. Mãos calejadas e restos de um esmalte rosa nas unhas. Um olhar singelo veio ao encontro do meu olhar ansioso de antropóloga em formação, que engatinhava nos seus primeiros momentos em campo.

Dona Nelci, 62 anos, deslocou-se até minha casa através das indicações de minha tia Edina. Com o endereço anotado em um papel, chegou até a minha porta, tocou o interfone e pediu para que eu fosse recebê-la. O trajeto do açougue até minha casa era curto, porém, ela relatou ter tido dificuldades em encontrar a casa devido à sua “falta de leitura”<sup>2</sup>. Abri o portão e a cumprimentei com um abraço. Ela estava sozinha e pareceu surpresa ao ser abraçada por mim, mas retribuiu o gesto de forma tímida. Convidei-a para entrar e pedi para sentar-se ao meu lado, numa das cadeiras que ficam na varanda. Sentamos e começamos a conversar.

Seu olhar mostrava uma humildade ímpar e uma doçura tocante. Simpatizei-me muito com sua feição, com seu jeito humilde de falar e olhar. Ela se colocou à disposição para me ajudar na pesquisa, embora alegasse não ser “alguém de muito conhecimento”. Expliquei que gostaria de conhecer como era a vida de uma família cigana, e ela me contou um pouco de suas histórias.

Conversamos uns 40 minutos e, ao final da conversa, perguntei se ela poderia me receber em sua barraca. Muito solícita, disse que era só chegar lá e chamar por ela, que poderíamos conversar mais. Ofereci a ela alguns gêneros alimentícios, como minha tia havia orientado, agradei pela conversa e fiquei de visitá-la no final da semana.

---

<sup>2</sup> Dona Nelci não foi alfabetizada e seu marido também não. Seu filho frequentou a escola até a 4ª série e a nora frequentou apenas até aprender a assinar o seu nome.



Figura 1: Dona Nelci no primeiro registro fotográfico que fiz dela – Agosto de 2015

Apesar de minha tia ter me indicado a Dona Nelci, minha família se colocava contra eu me relacionar com as famílias ciganas. Consideravam ser perigoso para mim, pois não devia confiar em desconhecidos, muito menos se fossem ciganos. Diziam que eu não deveria ir até o acampamento e, se fosse que deveria ser acompanhada. Minha primeira visita a barraca de Dona Nelci se deu sob muita pressão familiar e isso me deixou bastante insegura. No entanto, tudo o que diziam sobre as pessoas ciganas, não condiziam com o que eu havia observado em Dona Nelci. Assim, segui para a minha primeira visita, sozinha.

Não sabia o que deveria trajar para visitar o acampamento. Seria de bom tom ir de calças, já que via as mulheres ciganas sempre de saia? E a blusa, devia ser como? De alças? Com mangas? Na época em que frequentei a mesma academia que as jovens ciganas, a instrutora me afirmou que elas

treinavam de vestidos – ainda que isso prejudicasse um pouco seus movimentos – porque não deviam vestir calças.

Na dúvida, optei então, por ir com uma saia longa preta e uma blusinha branca de mangas. Preocupação que, mais tarde, percebi ser desnecessária, já que meu lugar era de mulher não cigana e cabia a mim me posicionar enquanto tal, me vestido da forma que me era costumeiro no dia-a-dia.

### **1.3. O acampamento de Dona Nelci**

O acampamento de Dona Nelci e sua família localizava-se em uma área periférica da cidade, onde havia poucas casas nas proximidades. Não havia iluminação pública e nem asfalto, sendo as ruas que cercavam o lugar, de terra. Era um lugar bem calmo, com poucos transeuntes. A movimentação na área ficava por conta de um campo de futebol privado situado em frente ao terreno de Dona Nelci, mas apenas nos períodos em que havia jogos.

O terreno em que o acampamento estava instalado era bem amplo, de aproximadamente meio quarteirão, com seis barracas e mais uma pequena casinha feita de placas de cimento, mas que, até então, não abrigava ninguém. Tinha água potável e um padrão de energia, além de ser todo cercado com arame. Nele se encontravam a barraca de Dona Nelci e seu esposo Osvaldo, a de seu filho Sandoval e a nora Juliana, de sua sobrinha Sônia e o esposo dela, dos sogros de Sônia e mais outras duas barracas onde as filhas de Sônia ficavam quando vinham visitá-la. Quando outros parentes vinham, também se alocavam no terreno, junto deles.

No carro de meus pais, dirigi até o local que Dona Nelci me indicou, um pouco mais de 2 km de distância da minha casa. Estacionei o carro perto do campo de futebol e, do outro lado, de fora da cerca, chamei Dona Nelci. Rapidamente ela apareceu e me convidou a entrar. Segui rumo à barraca dela, atravessando o colchete que dava passagem da rua para dentro do terreno. Ela me acomodou em uma cadeira, que forrou com um pano para que eu “não me sujasse com a poeira” e se pôs a conversar comigo. Seu marido também se apresentou, sendo muito receptivo e participando da conversa. O filho de Dona Nelci e sua nora, então grávida de cinco meses, que viviam na barraca

imediatamente ao lado da dela, também foram até lá me cumprimentar. Todos muito educados e simpáticos, embora parecessem um tanto desconfiados com a minha presença.

O capim seco, típico do mês de agosto, se estendia por todo terreno. No local em que estavam as barracas, o chão era de terra batida. Tudo muito limpo e organizado. De onde estava sentada, observava a disposição dos objetos dentro da barraca. Ao fundo, cobertas coloridas dobradas na cabeceira da cama de Dona Nelci – feita de tábuas e forrada com lona. Na lateral da barraca, havia um fogareiro à gás de duas bocas, em cima de um pequeno armário. No chão, mais ao centro, havia outro fogareiro, à lenha, feito no chão com tijolos, em cima havia uma panela de pressão.

Do lado de fora, panelas brilhantes secavam penduradas em um jirau, ao lado de uma horta com abóbora, cebolinha, tomate e mandioca, muito bem cuidada. Havia uma mangueira conectada a uma torneira que abastecia a todas as barracas, um cachorrinho preso por uma corda, um papagaio em uma gaiola encostada na lona da barraca, duas bicicletas e uma pequena mesa com alguns utensílios de cozinha.

Dona Nelci me contou mais de suas histórias. Afirmou que nos tempos antigos, viajava muito, “de fazenda em fazenda”. Prestava serviços nas roças e sempre viveu pela região. Nasceu em Tupaciguara, mas andou muito pelas redondezas. Cidades como Monte Carmelo, Araguari, Uberaba, Conceição das Alagoas, Catalão, são algumas pelas quais circulou bastante. Alegou que não viaja mais tanto quanto antigamente, mas que não deixa de fazê-lo, embora com menos frequência. Ela ressaltou que a liberdade de viajar quando desejam é uma das coisas que mais aprecia na vida cigana.

Depois de quase uma hora de conversa, despedi-me e voltei para casa. Dona Nelci disse que me visitaria durante a semana e também me dispus a voltar a sua barraca em outra oportunidade.

#### **1.4. Ciganos não são iguais**

A sensação da minha primeira visita era estranha. Eu me senti totalmente desconfortável adentrando a intimidade do lar de alguém que não

me conhecia. Senti-me uma invasora, além do estranhamento de entrar pela primeira vez em uma moradia construída com lonas e estacas de madeira.

Ainda que eu tivesse pesquisado e lido alguns trabalhos sobre povos ciganos, o estranhamento foi inevitável. Imaginava que encontraria tudo exatamente como relatado nos trabalhos que li e conforme o que concebia meu imaginário.

Esse estranhamento foi se dissolvendo aos poucos durante a pesquisa de campo, quando comecei a me familiarizar com as pessoas e com o ambiente. Os relatos de Dona Nelci forneceram elementos para que eu vislumbrasse um pouco do seu modo de existir e compreendesse que há uma grande diversidade existente entre os ciganos. Mesmo sabendo por meio das leituras bibliográficas que existiam inúmeras identidades ciganas, me vi procurando em campo um cigano genérico, que correspondesse ao estereótipo que habitava meus pensamentos.

Numa de nossas conversas, Dona Nelci explicou que existem muitos tipos de ciganos e que ela e sua família pertencem a “uma raça de ciganos brasileiros”, que se diferem daqueles a quem chamou ciganos “tacheiros”, os quais teriam vindo de fora do Brasil. Além das diferenciações internas entre ciganos<sup>3</sup>, ela demonstra uma oposição existente entre ciganos e “moradores” – sendo “moradores” o termo usado para se referir aos não ciganos. Segundo ela, sua família vem se misturando com os “moradores” há bastante tempo, através dos casamentos mistos.

Florença Ferrari (2010) aponta que os estudos ciganos no Brasil costumam diferenciar os Calon – que chegaram ao Brasil no século XVI por meio de ondas migratórias vindas da Península Ibérica – dos Rom, que vieram do Leste Europeu e teriam chegado ao país no século XIX. Os Calon do interior de São Paulo – com os quais ela realizou sua pesquisa – se diferenciam dos Rom referindo-se a eles por “tacheiros”, devido à habilidade tradicional de forjar

---

<sup>3</sup> Apesar de o termo “cigano” pressupor uma unidade e serem tratados de forma genérica pela população não cigana, é necessário destacar as diferenciações internas existentes. Este termo generaliza e engloba inúmeras identidades. “No ocidente reconhecem-se ao menos três grandes grupos étnicos: *Sinti*, *Rom* e *Calon*, cada qual com inúmeras subdivisões e peculiaridades” (SHIMURA, 2017:19).

tachos de metal. Além disso, também usam termos específicos para se referirem aos não ciganos, como “brasileiros”.

A aproximação com esse universo cigano me causava um misto de sensações. Eu estava contente por poder desenvolver minha pesquisa com pessoas tão receptivas e dispostas a me apresentarem seu mundo, mas receosa quanto à minha capacidade de lidar com um universo tão distinto do meu. Sabia que esse aprendizado ocorreria aos poucos, à medida que nossa relação fosse se consolidando.



2



3



4



5

Legendas:

Figura 2: Acampamento da família de Dona Nelci

Figura 3: Barraca de Dona Nelci e Sandoval

Figura 4: Entorno da barraca de Dona Nelci

Figura 5: O cão Palito, o papagaio e os fogareiros no interior da barraca

## **2. Retratos ciganos**

Para me auxiliar no aprendizado junto aos meus interlocutores, além de observar e participar, decidi recorrer ao uso de imagens. De início, considerei que as fotos seriam um ótimo recurso para incorporar à pesquisa, visando o registro dos dados de campo. No entanto, a minha relação com a fotografia em campo se desenvolveu de forma a guiar os rumos do trabalho. Dona Nelci e sua família se interessaram muito pelas fotografias e através delas, pude adentrar outros espaços e me aproximar de outros familiares.

Dessa forma, as fotografias, além de servirem para o registro de dados, direcionaram a pesquisa, funcionando também elemento de troca, mediação e aproximação das pessoas que ocupavam o espaço. Por meio das fotografias, minhas relações foram se delineando em campo e minha pesquisa seguiu por esse fluxo.

### **2.1. Os primeiros registros fotográficos**

Em uma das visitas de Dona Nelci e minha casa, perguntei se eu poderia voltar à sua barraca e fazer alguns registros fotográficos, considerando que poderiam ser um ótimo recurso para a pesquisa. Apesar de não ter quase nenhuma habilidade com fotografias, achei importante utilizá-las, já que ajudam no registro dos dados de campo e contribuem para ampliar o olhar e auxiliar a percepção (COLLIER, 1973). D. Nelci prontamente disse que sim, só pediu pra que eu avisasse o dia, assim deixaria sua barraca arrumada. Deixei tudo acertado com ela e no dia combinado, por volta das quatro horas da tarde, fui até lá para registrar as imagens.

Com uma câmera semiprofissional que peguei emprestada com um primo, fiz meus primeiros registros em campo. Tirei fotos das barracas, de Dona Nelci e seu marido, de tudo que me chamava atenção. No começo, Dona Nelci estava um pouco desconfiada, me questionando qual a finalidade das fotos. Expliquei a ela que as fotos eram apenas para a pesquisa e que ela podia definir o que seria fotografado ou não. Após expor o propósito das

fotografias, ela se dispôs a ser fotografada e empolgou-se bastante ao observar no visor da câmera como as fotos estavam ficando.

Senti-me um pouco desconfortável ao fazer os primeiros registros. Novamente a sensação de invasão me tomava. Era como se eu tivesse violando a intimidade de Dona Nelci e sua família, expondo-a à minha pesquisa. No entanto, o fato de Dona Nelci me receber e me autorizar a fotografar, demonstrava sua confiança em mim e sua agência, enquanto sujeito de pesquisa que determina os limites a serem explorados.

Depois de muito conversar, já começava a escurecer quando resolvi ir embora. Ao sair, pedi a Dona Nelci pra tirar fotos da sua barraca e das outras que ficavam ao lado. Ela parecia animada com as fotos e me incentivava a tirá-las. Sônia, sobrinha de Dona Nelci, estava na porta da outra barraca quando notou que eu tirava fotos e foi até lá ver o que acontecia. Ela e a neta de 9 anos, chamada Talita, olhavam curiosas a máquina e as fotos que eu tirava. Perguntei à menina se ela queria ser fotografada e tímida, ela respondeu que não, porque ainda não havia tomado banho. Disse-lhe que não havia problema e lhe ofereci a câmera para que tirasse fotos também, já que parecia muito curiosa. Mostrei como funcionava, ela tirou algumas fotos e não parava de sorrir ao apertar o botão da máquina. Tirou algumas fotos de sua avó e do acampamento, demonstrando alegria em fazer aquilo.

Dona Nelci me convidou, então, para ir até as outras barracas e tirar mais fotos. Dei a máquina para Talita, e ela foi fazendo os registros. Os parentes de Dona Nelci pareciam animados com as fotografias que a menina tirava e seguiam fazendo poses para ela. Nesse momento, pude andar pelo acampamento e me apresentar aos outros parentes de Dona Nelci. Depois que Talita fez seus registros, terminei de me despedir e me comprometi a imprimir as fotografias e levar-lhes num outro dia.

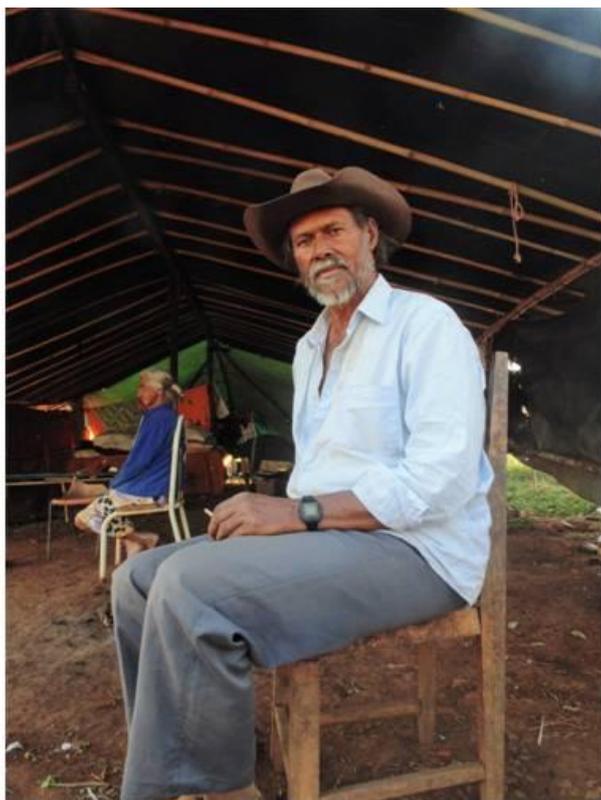
Quando voltei com as primeiras fotos impressas para lhes entregar, todos/as ficaram muito felizes com o resultado, elogiando bastante a qualidade da máquina fotográfica e pediram para que eu voltasse novamente para mais registros. Aqueles/as que não tinham sido fotografados no primeiro dia ficaram animados/as para fazê-lo logo.

Portar uma câmera facilitou o meu acesso às pessoas durante o desenvolvimento da pesquisa. Por meio das trocas de fotografias, minha

relação com Dona Nelci e sua família foi se estreitando. Minha presença passou a ser solicitada frequentemente e pude me relacionar mais de perto com as pessoas. Os registros familiares possuíam uma grande relevância para Dona Nelci, que os guardava com grande apreço. Ao me identificarem enquanto pessoa que podia auxiliar na produção de tais registros, meu lugar em campo foi se delineando.



6



7

Legendas:

Figura 6: Dona Nelci, Seu Osvaldo e Palito posando para as fotos

Figura 7: Seu Osvaldo observando o fim da tarde

## 2.2. Contribuindo para o álbum de família

Depois de entregar as primeiras fotografias à Dona Nelci, fui convidada a voltar para fazer mais registros. Sandoval queria ter fotos de seus familiares juntos, já que na outra visita somente Dona Nelci e o marido haviam sido fotografados por mim. Compareci ao acampamento no dia combinado e fizemos vários registros da família, como haviam pedido. Chamaram Sônia para participar, arrumaram-se e escolheram a barraca de Sandoval como fundo para as fotos. Todos estavam muito contentes em ter esses registros feitos e pediram que eu fizesse cópias das fotos para cada um.

A importância da família - e portanto, de seus retratos - foi sendo evidenciado ao longo de meu trabalho de campo junto à Dona Nelci e sua rede de parentesco. Por várias vezes fui convidada para retrata-la, através de fotografias posadas para a câmera. A cada vez que um parente os visitava, eu era chamada para tirar novas fotografias. Sentia-me muito honrada por poder participar da produção de tais registros. A predileção por esse tipo de fotografia revelava a importância que a família possuía para eles.<sup>4</sup>

Esses novos registros vinham complementar o acervo de fotos da família que Dona Nelci preserva consigo. Junto com as fotografias, muitas histórias sobre a sua trajetória eram perpetuadas. A cada vez que me mostrava fotos de seu acervo, vinham à tona muitas memórias sobre o passado. Dona Nelci é como uma “guardiã da memória” de sua família, que atua em nome dela, “definindo quais as fotografias e objetos serão guardados e de que maneira este acervo vai sendo reformulado, incorporando novos materiais e descartando outros, selecionando imagens que testemunhem a trajetória familiar.” (SHNEID, 2015, p.86)

No seu acervo continham fotos como uma que Sônia me pediu para fazer-lhe uma cópia. Nessa foto, aparecia Dona Nelci ainda jovem, por volta dos 12 anos de idade, ao lado do ex-cunhado, pai de Sônia. Essa era a única fotografia dele que a família possuía, então Sônia queria uma cópia para ter consigo uma lembrança dele. O pai e a mãe de Sônia se separaram quando

---

<sup>4</sup> Essas fotografias de família foram feitas com a finalidade de atender a demanda de meus interlocutores, que queriam ampliar seus acervos pessoais. O uso dessas imagens para a pesquisa foi negociado posteriormente, quando compreendi a sua relevância para o desenvolvimento do trabalho.

ela ainda era criança, ela ficou morando com a avó e o contato com o pai só se reestabeleceu após adulta.

Fiz cópias de muitas outras fotografias para os parentes de Dona Nelci, fossem elas do acervo dela ou dos próprios solicitantes. Algumas eram por ser a única foto do parente em questão – fosse ele vivo ou falecido - outras para serem compartilhadas entre os membros da família que viviam longe. Portar a foto desses parentes era um modo de fazê-los presentes.

Segundo Sylvia Caiuby Novaes (2014),

“Imagens são o resultado de sensações visuais, que nos chegam como um todo. Ao se apresentar a nossos olhos a imagem nos traz a presença daquilo que nela está representado e, neste sentido, ela é um modo de presença, pois associa o objeto ou a pessoa representada a sua presença em nós que a observamos, daí esse processo de familiarização que a imagem desencadeia.”  
(NOVAES, 2014, p.58)



8



9



10



11

Legendas:

Figura 8: Sandoval, Juliana, Sônia, Dona Nelci e seu Osvaldo posando para os primeiros retratos de família

Figura 9: Mais alguns dos primeiros retratos de família

Figura 10: Registros feitos quando o irmão de Dona Nelci, que vive em Monte Carmelo, lhe visitou com a família

Figura 11: Registros com o irmão de Dona Nelci

### 2.3. A importância dos descendentes

Dona Nelci demonstrava um apreço especial pelas fotos do filho quando criança e mostrava com muito orgulho as poucas que possuía. Eram fotos em que Sandoval tinha entre 6 meses e 5 anos de idade, e revelavam um pouco da trajetória da família. Foram tiradas nas cidades por onde passaram depois que Sandoval nasceu: Araguari e Monte Carmelo. Uma delas o retrata ainda bebê, sentado no capô de um carro; noutra, já um pouco maior e aprendendo a andar, segura um dos esteios da barraca em pé; em outra, aparece vestido com uma camisa colorida rosa e uma calça branca, montado em um cavalo. Essas fotos destacavam elementos essenciais na vida de Dona Nelci e sua família: a barraca, o cavalo, o carro, as cidades que percorreram.

Quando o neto de Dona Nelci, Gabriel, nasceu, no final de 2015, ela pediu para que eu o fotografasse. Pedido que se estendeu conforme ele crescia. Dona Nelci planejava, inclusive, reproduzir uma das fotos de seu filho com o neto, assim que ele tivesse a mesma idade que o pai possuía na época da foto<sup>5</sup>. Comecei registrando Gabriel com 1 mês de vida, já que o parto de Juliana ocorreu na cidade de Uberaba – onde seus pais vivem – e só voltaram para Tupaciguara um mês após o nascimento do bebê.

Dona Nelci fazia muito gosto das fotografias do neto, queria guardá-las assim como guardava as do filho, dando continuidade à preservação da memória familiar. Fazíamos registros de Gabriel à medida que crescia, documentando assim seu desenvolvimento. Ele era um bebê muito alegre e se tornava cada dia mais sorridente e esperto. Era tratado por seus pais e avós com muito carinho e cuidado. Eu me afeiçoei muito a ele, pois o acompanhava desde a barriga. Sempre que podia, levava um presentinho para ele.

---

<sup>5</sup> Quando Gabriel começou a andar, tiramos a foto que imitava a de seu pai na mesma idade. Ele foi colocado na mesma posição, em frente a barraca, assim como a foto de referência. Conforme me pediu Dona Nelci, fiz uma montagem em que as duas imagens ficavam lado a lado.



12



13

Legendas:

Figura 12: Gabriel quando era bebê, aos 2 e aos 6 meses de vida

Figura 13: Gabriel começando a andar, com 1 ano de idade e aos 2, posando como um rapaz

#### **2.4. O agenciamento das fotos para a construção de uma relação de compadrio**

Além de compor o acervo de Dona Nelci, as fotos de Gabriel também eram compartilhadas com os parentes de Juliana, que viviam na cidade de Uberaba e Araguari e que o viam pouco. Reimprimi várias fotos que iam circulando entre outros membros da família. Quando viajavam e mostravam as fotos aos seus parentes, estes lhes pediam pra ficar com elas. E assim que retornavam para Tupaciguara, me pediam novas cópias das fotos que haviam sido deixadas com os familiares, para que não ficassem sem.

As fotografias tinham grande relevância para a família de Dona Nelci e auxiliar na produção e reprodução das imagens me proporcionou certo grau de prestígio, fazendo com que desenvolvêssemos uma relação de cumplicidade.

Recebiam-me com muito carinho cada vez que os visitava e eu me sentia querida por eles. Quando eu passava algum tempo sem ir até a barraca, Dona Nelci logo aparecia na minha casa para saber se estava tudo bem. Ela dizia: “quando gostamos das pessoas, ficamos preocupados se elas não aparecem” e me cobrava uma visita.

Essa proximidade culminou no convite de Dona Nelci para que eu me tornasse madrinha de Gabriel, juntamente com meu namorado. Fiquei muito lisonjeada e aceitei com alegria. Dona Nelci considerava fundamental que o neto passasse pelo batismo e me queria como madrinha porque, segundo me disse Juliana, ela percebia que eu gostava muito dele. A princípio, ela cogitou fazê-lo na paróquia da cidade, mas por conta da obrigatoriedade de um curso preparatório para os padrinhos como condição para que o batismo ocorresse, ela desistiu. Optou então, pelo batizado de fogueira - prática comum nas festas juninas da região.

Dessa forma, ao chegar o mês de junho, ela saiu em busca de uma fogueira onde pudesse acontecer o batizado. Muitos moradores da cidade realizam um terço em devoção aos santos do mês de junho – São João, Santo Antônio e São Pedro, abrindo suas casas para que a comunidade participe. Nesses terços, ocorrem os batizados, feitos em volta da fogueira dedicada aos santos, por meio de uma oração proferida por uma rezadeira.

Dona Nelci, após andar bastante pela cidade, conversando com uma pessoa e outra, descobriu uma casa onde aconteceria o terço e o batizado. Ela conversou com a dona da casa, responsável pelo evento, que prontamente se dispôs a nos receber para o evento. Depois de combinar com a responsável, pediu para que Sandoval fosse até minha casa e me passasse o endereço e horário onde se realizaria o terço. Combinamos de nos encontrarmos lá. Meu namorado, Pedro, e eu fomos no horário estabelecido. Levei a câmera fotográfica de meu primo para registrar o batizado e fui autorizada por Luciana – a dona da casa – a fotografar o evento.

Era a primeira vez que comparecia a um evento desses. Apesar de serem tradicionais na região onde cresci e de eu ter sido batizada dessa forma quando criança, cresci distante das práticas ligadas ao catolicismo. Meus avós eram católicos, mas meus pais se afastaram da religião quando eu ainda era

bebê. Eu não sabia quase nada sobre o ritual e pensava que a importância dele estava em apresentar e consagrar a criança a Deus.

No local, as cadeiras estavam dispostas em um semicírculo, uma mesa ocupava o centro com imagens dos santos homenageados e algumas velas. O pessoal foi chegando aos poucos e por volta das oito horas da noite se iniciou a reza, puxada pela anfitriã, Luciana. O terço durou por volta de vinte minutos e a cada vez que se completava uma sequência de orações, soltavam foguetes. Ao final do terço, a fogueira foi acesa e começou a ser organizado o batismo das crianças.

Além de Gabriel, mais duas outras crianças foram batizadas. Era a primeira vez que Luciana realizava um batismo, conforme me contou. Aprendeu o que deveria ser feito com uma rezadeira. Sandoval se ofereceu para fazer os registros enquanto participávamos do ritual e passei a câmera para ele.

No ritual de batismo, a criança é segurada pela madrinha e o padrinho segura uma vela. O sogro de Sônia – chamado de Índio – foi convidado para ser o 3º padrinho de Gabriel, já que Pedro só pôde confirmar presença poucas horas antes do batizado. Ele tinha um compromisso agendado para a mesma hora em que aconteceria o evento, no entanto, este foi adiado. Na dúvida da presença de Pedro, Sandoval convidou Índio para batizar Gabriel também.

Durante o ritual, Índio segurou a vela, eu segurei Gabriel e Pedro ficou junto de mim. Luciana colocou uma pitada de sal na boca de Gabriel e aspergiu água sobre sua cabeça, enquanto pronunciava uma oração que estava anotada em um papel. Para finalizar, demos uma volta ao redor da fogueira como forma de concretizar o ritual, abençoando o afilhado.

Depois de todas as crianças batizadas, foi oferecido um lanche pela anfitriã, alguns comeram e outros já foram embora. A família de Dona Nelci se foi logo que terminou o batizado, eu e Pedro ficamos mais alguns minutos e fomos embora em seguida. Foi uma experiência bem agradável, fiquei contente por me tornar madrinha de Gabriel e por saber que confiavam em mim para desempenhar tal papel.



14



15

Legendas:

Figura 14: Juliana com Gabriel no colo, Sandoval e Índio, sentados em volta da mesa que destaca os santos homenageados pelo terço

Figura 15: Momento do batismo de Gabriel, registrado por Sandoval

## 2.5. Aprendendo a lidar com os papéis de pesquisadora e comadre

Eu, na verdade, não sabia o que estava fazendo durante minha pesquisa de campo. Não entendia como todas as experiências compartilhadas se traduziriam na etnografia, se conduzida exclusivamente por um texto. Parecia que não conseguia enxergar as questões e pensava que talvez a Antropologia não fosse para mim. Os/as antropólogos/as deviam ter habilidades que eu não conseguia desenvolver de forma alguma.

Eu era apresentada por Dona Nelci aos seus parentes, como amiga da família e parecia que não cabia mais a mim o papel de pesquisadora. Sandoval passou a se referir a mim sempre como comadre. Havia me tornado outra coisa e isso me impedia de tratar minha vivência com eles, como um trabalho. Tornei-me madrinha de Gabriel e isso estabelecia outro tipo de relação entre nós. Achava que as pessoas conversavam comigo a partir desse outro lugar que eu passei a ocupar, e não mais em um contexto de pesquisa.

Notei que o ritual do batismo na fogueira não tinha como propósito apenas consagrar a criança, mas estabelecer laços de afeto entre pessoas sem parentesco consanguíneo. Por meio dele, nossa relação afetiva se converteu num tipo de parentesco. Isso marcou intensamente a forma de me relacionar com eles/as. Eu havia sido “afetada”, como definiu Jeanne Fravet-Saada <sup>6</sup> (2005), e participava desse parentesco, pilar fundamental na constituição da socialidade dessa família.

Fiquei sem escrever meu diário de campo por muito tempo, pensando ser desleal narrar ali acontecimentos pessoais das nossas vidas. As experiências vividas junto dessas pessoas, não eram apenas conteúdo de pesquisa. Eram nossas vidas acontecendo e eu não sabia como lidar com essas inquietações. Sentia-me desautorizada a tratar das nossas relações no trabalho e pensava que todos tivessem esquecido que eu realizava uma.

Após um longo período em crise, resolvi conversar com Dona Nelci sobre os rumos da pesquisa, já que precisava terminá-la para me formar. Ela

---

<sup>6</sup> Fravet-Saada se viu “afetada” quando se permitiu experimentar pessoalmente da rede de comunicação humana em que consistia a feitiçaria, no seu trabalho no Bocage, França. Somente a partir dessa experiência de ser “pega” pela feitiçaria, sendo percebida pelos seus interlocutores como “desenfeitiçadora” e “enfeitiçada”, que pode desenvolver sua pesquisa.

tratou o assunto com muita naturalidade, concordando com o que eu propunha abordar no trabalho. Além disso, comentaram entusiasmados sobre eu estudar e fazer pesquisa. Naquele instante, me surpreendi ao perceber que eles/as não haviam esquecido que eu estava em processo de produção de um trabalho acadêmico sobre nossas relações e que eu estava autorizada por eles/as a falar disso nele. Meus lugares de pesquisadora e comadre não estavam descolados um do outro. A nossa relação se constituía desse lugar que eu ocupava sendo as duas coisas.

Foi somente quando me coloquei a analisar os dados de campo acumulados durante o percurso da pesquisa, que percebi quais questões o campo me trazia. As fotografias tiveram um papel essencial nisso, pois narravam a minha trajetória em campo e demonstravam como as questões da pesquisa foram se apresentando a mim. Elas me permitiram também, estreitar os laços com meus interlocutores, desenvolvendo relações de confiança e afeto.

Ao analisá-las, percebi dois momentos distintos da pesquisa de campo. As primeiras fotografias revelam meu olhar sobre o campo, onde direciono os registros de acordo com o que me chama atenção e considero ser relevante. Dessa forma, aparecem nelas Dona Nelci e seu esposo em poses orientadas por mim, sua barraca por dentro e por fora, além da sua disposição no terreno em que viviam. Elas tinham como função me auxiliarem no registro dos dados de campo.

Já as fotografias seguintes, retratam os afetos. Passei a fotografar o que meus interlocutores consideravam importante – que era a família. Esses retratos de família tinham como finalidade compor e expandir os seus acervos pessoais, salvaguardando a memória familiar. Além de garantir, por meio da imagem, a presença dos parentes que já faleceram ou estão longe. Marcam também, os afetos que desenvolvi com Dona Nelci e sua família e como nossa relação se constituiu ao longo da pesquisa.

Procurei conduzir a narrativa deste trabalho, conciliando os registros verbais feitos no diário de campo, com os registros visuais produzidos junto aos interlocutores durante a pesquisa. Além do texto escrito, tento tornar visível o universo cigano a que fui apresentada por meio dos conjuntos fotográficos. Conjuntos estes, dispostos em ordens sequenciais de curta e longa duração,

conforme define Etienne Samain (2004) na análise sobre *Balinese Character*<sup>7</sup>, seguidos de uma legenda.

No período em que não fui capaz de escrever meu diário de campo, para além das sensações impregnadas em minha memória, as fotografias foram a única forma de registro da minha vivência com Dona Nelci e sua família. Elas foram protagonistas no desenvolvimento da pesquisa e na organização dos dados. Busquei, através da inserção das pranchas fotográficas no texto, demonstrar o caminho que trilhei junto aos meus interlocutores na tentativa de apreender um pouco desse universo cigano.

---

<sup>7</sup> No texto “Descobrir *Balinese Character*”, de 2004, Samain analisa a obra produzida por Margaret Mead e Gregory Bateson sobre o *ethos* balinês: “*Balinese Character. A photographic analysis*”. Ao avaliar as pranchas fotográficas, discorre sobre dois modelos de apresentação: um sequencial e outro estrutural. O modelo sequencial segue uma lógica temporal e o modelo estrutural apresenta imagens díspares ou um enigma visual, que a mente procura relacionar buscando um elemento catalisador capaz de religá-las.

### **3. Aprendendo a aprender**

Passei por muitas crises no decorrer da pesquisa. Compreender meu lugar em campo demandou bastante tempo. Estar em contato com o outro exigiu saber lidar com os frequentes desarranjos de expectativas. Este aprendizado ocorre de forma lenta, à medida que nos expomos ao outro. Eleger um referencial teórico que valorizasse essa experiência ajudou-me a solucionar algumas dessas crises e conduzir a melhores resultados.

#### **3.1. Um caminho teórico-metodológico possível**

Lançar-se em uma pesquisa antropológica pode ser uma aventura e também um grande desafio. Para uma antropóloga em formação como eu, o processo de produção da pesquisa perpassa muitos questionamentos. Lidar com as vicissitudes que o contato com o outro proporciona é bastante complexo e gerou em mim muitos conflitos.

Nos primeiros contatos, eu procurava amenizar os possíveis contrastes entre mim e eles. A preocupação com o tipo de vestimenta que eu deveria utilizar nas minhas visitas a Dona Nelci, foi uma dessas tentativas. No entanto, vestir saias longas não me fazia menos “moradora” e nem que minha presença fosse percebida com menos estranheza. Eu era tratada a partir do meu lugar de mulher não cigana, que pretendia elaborar uma pesquisa e cabia-me assumir minha posição enquanto tal na minha relação com meus interlocutores. Eu queria minimizar a possibilidade de existir uma relação de poder entre nós, mas não era floreando o lugar de onde falava que conseguiria isso.

Cardoso de Oliveira (1998) alerta sobre a sutileza da relação entre pesquisador/a e interlocutor/a, dizendo que esta deveria ser trabalhada com cautela, de forma que o diálogo estabelecido não fosse de mão única e nem caracterizasse uma relação de poder. Para que exista uma relação dialógica, é necessário que o/a informante se transforme em interlocutor/a e que tal confronto seja um verdadeiro encontro etnográfico partilhado por ambos, resultando num diálogo entre iguais.

É justamente esse encontro com o outro, o confronto entre dois mundos conceituais distintos, mediado por uma relação de troca, que produz o conhecimento antropológico. Viveiros de Castro (2002) aponta um caminho para a compreensão dessa relação com o outro. Para ele, é fundamental tomar a ideia dos nativos como conceitos. Não no sentido de interpretar o que é o “ponto de vista” deles, mas de realizar um processo que leva em consideração o Outro e o eu, através de uma clara noção relacional. Dessa forma, uma relação simétrica entre antropólogo e nativo pode existir. Ele considera que o objeto da antropologia se encontra na variação das relações sociais - de todas as relações tidas como sociais, e propõe a construção de uma antropologia que relacione problemas diferentes e suas diferentes soluções.

Eu iniciara a pesquisa com questões e conceitos prontos, começando a me relacionar com a família de Dona Nelci na procura de soluções para os problemas que eu mesma havia formulado. No decorrer do trabalho de campo, notei que essas questões se mostravam inférteis e eu não sabia de onde devia partir para que a pesquisa se desenvolvesse.

Quando visitei Dona Nelci e sua família pela primeira vez, senti um choque imenso ao observar de perto como viviam. Julguei aquele modo de vida – em barracas, com poucos bens materiais – a partir dos meus próprios conceitos e imaginei que eram pessoas extremamente carentes. No entanto, percebi que, embora não fossem uma família abastada, nada lhes faltava. Possuíam o que consideravam necessário, já que ter muitos objetos dificultava na hora de viajar. Além disso, também não demonstravam interesse em acumular bens. Tinham como prioridade o bem estar de cada membro da família e procuravam viver cada dia da melhor maneira. Aprendi que meus conceitos – como o de pobreza, por exemplo – eram muito limitados e incapazes de abarcar o modo como significavam o mundo.

Essa concepção de antropologia em que o conhecimento antropológico resulta “da aplicação de conceitos extrínsecos ao objeto: sabemos de antemão o que são as relações sociais, ou a cognição, o parentesco, a religião, etc., e vamos ver como tais entidades se realizam neste ou naquele contexto etnográfico” (VIVEIROS, 2002, p.116), se revelou insuficiente para lidar com a riqueza de experiências que eu vivenciava junto aos meus interlocutores e vi a necessidade de me orientar por outra perspectiva.

Assim, procurei me guiar por uma perspectiva que levasse a sério o outro, seus saberes e conceitos, partindo de uma concepção de antropologia que “suspeita que os problemas eles mesmos são radicalmente diversos; sobretudo, ela parte do princípio de que o antropólogo não sabe de antemão quais são eles” (VIVEIROS, 2002, p.117).

Segundo Tim Ingold (2013), na antropologia, estudamos com as pessoas e esperamos aprender com elas. Aquilo que chamamos de “pesquisa” ou “trabalho de campo” é, na verdade, uma longa aula onde aprendemos gradualmente a ver as coisas, e a ouvi-las e senti-las, da mesma forma que nossos mentores fazem.

Esse aprendizado exige tempo, dedicação, saber lidar com as frustrações e com os constantes desarranjos que o contato com o outro proporciona. É preciso “educar a atenção” para apreender o mundo que nos é apresentado. Eu tive muitas dificuldades e dúvidas ao percorrer esse caminho. Pensei por várias vezes em desistir e achei que não seria capaz de aprender quase nada do que meus interlocutores poderiam me ensinar. Parecia que minha pesquisa estava fadada ao fracasso.

A fotografia foi fundamental nesse processo de aprendizagem. Sylvia Caiuby Novaes (2004) destaca a relevância da fotografia para a antropologia, pois funciona muito bem na pesquisa de campo estimulando uma aproximação do pesquisador com o universo que deseja conhecer e influenciando em resultados de pesquisa mais acertados. Ao introduzir a câmera no trabalho de campo, pude estreitar minhas relações com Dona Nelci e sua família e vislumbrar melhor alguns aspectos de seu mundo conceitual. Nossa relação caminhava tão bem, que acabei me tornando madrinha de Gabriel.

No trabalho sobre feitiçaria que desenvolveu no Bocage, Jeane Fravet-Saada (2005) obteve suas informações apenas quando se deixou ser “afetada” pela feitiçaria. Precisou experimentar pessoalmente da rede particular de comunicação em que consistia a feitiçaria, para conseguir desenvolver sua investigação junto à população do lugar.

Quando, ao longo do trabalho de campo, me tornei madrinha de Gabriel – tema do próximo capítulo – fui “afetada” pela relação de parentesco que o batizado criava. Passei a ocupar um lugar distinto do que ocupava antes e era tratada de forma mais afetuosa. Senti-me tão envolvida ocupando esse lugar,

que pensei não poder mais assumir minha identidade de pesquisadora e construir uma pesquisa que se baseasse nessas experiências. Pois, não me era possível separar o que era o conteúdo da pesquisa do que era minha vida pessoal.

No entanto, experimentar desse “afeto” me permitiu perceber que o parentesco constituía um pilar importante na socialidade dessas pessoas. Toda a minha experiência junto a eles girava em torno da família, nuclear ou extensa.

Os retratos que produzimos ao longo do trabalho deixavam isso evidente. Para Fernanda Rochenberg (2014) o retrato, enquanto gênero fotográfico utilizado em contextos etnográficos, oferece potencialidades interpretativas e metodológicas muito férteis. Apesar do apelo testemunhal, o retrato não documenta o Outro, mas uma interação que se desenrola em um contexto específico. “No retrato, não há captura do espontâneo, do incidental, não há flagrante: há uma relação documentada.” (Rochenberg, 2014, p.10)

Tornar-me parte dessa família por meio de um parentesco afetivo mostrou que meu aprendizado estava se realizando. Eu comecei a enxergar, a ouvir e a sentir as coisas como meus interlocutores.

#### **4. Um exercício de etnografia visual a partir de pranchas temáticas**

Este capítulo busca uma experimentação visual do que foi discutido no capítulo anterior em termos da potência da fotografia para uma descrição etnográfica. Nesse sentido, apoio-me no trabalho de Margaret Mead e Gregory Bateson (1942) analisado por Etienne Samain (2004) na etnografia de André Alves (idem), assim como nas etnografias visuais de Leonardo Recuero (2015) e Solano Ferreira (2010), os quais reproduzem modelos de pranchas fotográficas criados originalmente em *Balinese Character* (Mead e Bateson, 1942).

Para tanto, reapresento as fotografias que constam nos capítulos anteriores em formato maior, que permitem melhor apreciação de cada uma, independentemente, agora, no entanto, em pequeno formato, mas dispostas de modo integrado na mesma prancha, evidenciando alguns temas que procurei destacar ao longo da etnografia. Neste caso, diversamente do que foi apresentado até aqui, os conjuntos fotográficos adquirem protagonismo relegando ao texto um papel complementar.

Procuro assim, elaborar produtos independentes da narrativa textual, que tenham maior eficácia em termos da restituição da pesquisa para a família cigana com a qual desenvolvi meu trabalho de campo, na medida em que seus integrantes tem pouca familiaridade com a linguagem escrita, além do fato de que a transmissão dos saberes ciganos baseiam-se fundamentalmente na oralidade e na experiência compartilhada.

## O acampamento



Dona Nelci e seus familiares viviam em barracas alugadas em um terreno numa área periférica da cidade de Tupaciguara-MG. O local era bem calmo, com poucos transeuntes. Quando os parentes de outros locais os visitavam, fixavam suas barracas junto a eles neste terreno. Cada família nuclear tinha sua barraca.

Figura 16: Prancha 1

### Retratos de uma família cigana



A importância da família - e portanto, de seus retratos - foi sendo evidenciado ao longo de meu trabalho de campo junto à Dona Nelci e sua rede de parentesco. Por várias vezes fui convidada para retrata-la, através de fotografias posadas para a câmera. A cada vez que um parente os visitava, eu era chamada para tirar novas fotografias. A predileção por esse tipo de fotografia revelava a importância que a família possuía para eles.

Figura 17: Prancha 2

## O batizado



Através de um batismo de fogueira, me tornei madrinha de Gabriel. o ritual do batismo além de consagrar a criança diante de Deus, também estabelece laços de afeto entre pessoas sem parentesco consanguíneo. Por meio dele, minha relação afetiva com Dona Nelci e sua família se converteu num tipo de parentesco.

Figura 18: Prancha 3

## Considerações finais

A experiência de contato com o outro é transformadora. Os afetos percebidos e vivenciados durante a pesquisa modificaram minha maneira de ver e ser no mundo. Esses afetos demonstram os modos de existir de Dona Nelci e sua família. Modos de existir esses, que destacam a heterogeneidade existente entre os ciganos.

A fotografia enquanto recurso metodológico se mostrou muito pertinente durante a pesquisa. Permitiu o estreitamento dos laços entre mim e a família pesquisada, além de realçar aspectos importantes de sua socialidade. A predileção de meus interlocutores pela produção de fotografias posadas para câmera, na forma de retratos de família, demonstrou a relevância dos laços de parentesco e sua manutenção para os modos de existir desses ciganos.

Parentesco este, que se estendeu a mim por meio da relação de compadrio. Através do ritual de batismo de fogueira, me tornei madrinha do neto de Dona Nelci, Gabriel. Esse ritual converteu a nossa relação em um parentesco afetivo, baseado nos laços de amizade. Dessa forma, pude participar das relações de parentesco tão valorizadas pelos meus interlocutores. Ao ser “afetada” por essa relação, passei a apreender de outra maneira o mundo que se apresentava a mim.

O meu contato com essa família tem me proporcionado o que Ingold (2015) chamou de “educação em antropologia”. Ela desenvolve nossa percepção de mundo e abre nossos olhos mentes para outras possibilidades de ser. Transformada por essa experiência, sigo buscando aprender ainda mais com meus interlocutores.

O caminho do aprendizado é longo e ainda tenho muito o que percorrer. As categorias e conceitos “nativos” percebidos durante esse percurso de aprendizagem, serão trabalhados na pesquisa de mestrado que desenvolvo concomitante a esta, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Goiás.

## Referências bibliográficas

ALVES, André e SAMAIN, Etienne. **Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado**. Campinas: Ed. Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. **Balinese Character. A Photographic Analysis**. The New York Academy of Sciences, vol. II. USA, 1942.

COLLIER, J. Jr. Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa. In: **Coleção Antropologia e Sociologia**. São Paulo, EPU EUSP, 1973.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERRARI, Florencia. **O mundo passa: Uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. 2010. Tese de Doutorado – Departamento de Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Solano. **A pesca da tainha da Lagoa dos Patos: um relato fotoetnográfico**. 2010. 101 f. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social) - Universidade Católica de Pelotas – UCPel, Pelotas.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, Vol. X (1), p. 161-173, 2006.

\_\_\_\_\_. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de campo**, n.13, p. 149-153, 2005.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. In: **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. Londres: Routledge, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.

MARTINEZ, Nicole. **Os Ciganos**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 3, n.2, p. 57-67, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. São Paulo: Paralelo 15, 1998.

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. **As Raízes das Flores: Uma Etnografia de Mulheres Ciganas em Pelotas, RS**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ROCHENBERG, Fernanda. Notas etnográficas sobre o retrato: repensando práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens. In: **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol.3, n. 2, p. 9-22, 2014.

RECUERO, Carlos Leonardo Coelho. **O discurso sociolinguístico da fotografia: fotógrafo e fotografado construindo sentidos por meio da fotoetnografia na Ilha dos Marinheiros Pelotas**. 2015. 342 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul/set. 1995.

\_\_\_\_\_. Balinese Character (Re)visitado. In: Alves. **Argonautas do Mangue**. Campinas: Unicamp, 2004.

SHIMURA, Igor. **Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento calon itinerante**. Maringá: Amazon, 2017.

SHNEID, Frantieska Huszar. **Fotografias de casamento: memórias compartilhadas a partir de acervos pessoais**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**. Rio de Janeiro, v.8, n. 1, p. 113-148, 2002 .

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cogito Canibal (Quarta parte). **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

**Guia de Políticas Públicas para Povos Ciganos**. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013. Acessado em 20 de abril de

2017. Em: [http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/copy\\_of\\_povos-de-cultura-cigana](http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/copy_of_povos-de-cultura-cigana)